

■ DANÇA ■

Outras facetas de Marília de Andrade

A dançarina e coreógrafa fala de suas especializações e relembra fatos da vida de Isadora Duncan, precursora da dança moderna

Randie Zetuni

■ Alessandro Soares

A dançarina e coreógrafa Marília de Andrade não é identificada com a dançarina americana Isadora Duncan. O espetáculo "Danças de Isadora" (último dia no Teatro Sesc) é apenas uma de suas facetas. Ela escolheu coreografias de Isadora Duncan mescladas a trabalhos próprios para mostrar sua técnica e também como Isadora rompeu com a tradição clássica da dança já no final do século passado, fundando a dança moderna. Junto com ela, a atriz Sarah Lopes interpreta textos. Esta é a primeira apresentação deste espetáculo no Brasil. No ano passado, ele foi visto em Londres, Atenas, Frankfurt e Colônia.

Marília é filha do escritor modernista Oswald de Andrade, que teve um namoro com Isadora quando ela esteve no Brasil numa turnê em 1916. Modernos, Oswald e Isadora acreditavam quase nas mesmas coisas: para ele, em tudo havia poesia e para ela, todos poderiam dançar. Isadora criava movimentos a partir de observações da natureza e Marília cria a partir desta técnica.

Formada em dança clássica, pós-graduada em psicologia e pós-doutorada em dança, Marília foi fundadora do Deptº de Dança da Unicamp e é a atual diretora do laboratório de dança da universidade. Nesta entrevista, ela fala da carreira, de Isadora e do espetáculo.



Diário do Povo — Quando você estreou num palco como solista?

Marília de Andrade — Eu danço desde os quatro anos de idade e já dancei vários solos dentro de espetáculos com grupos desde os 15 anos. Mas esse é o primeiro trabalho onde apenas eu estou em cena.

Diário — Sua formação está dentro da dança clássica mas você preferiu a dança moderna. Quem influenciou sua formação e porquê a preferência?

Marília — Eu estudei com vários professores em São Paulo, entre eles Klaus Vianna, Maria Olenewa, Carmem Brandão (primeira professora), Máica Gidali, Renée Guimel e tive muita influência de professores do exterior, principalmente em Nova Iorque e Londres, onde estudei. Prefiro uma linguagem que me satisfizesse como artista, uma linguagem autêntica, fora das regras tradicionais do balé clássico e por isso optei pela dança moderna.

Diário — Você também é formada em psicologia. Como mesclar isso com a dança?

Marília — Eu fiz mestrado e doutorado em psicologia. Temporariamente, deixei a psicologia há uns 15 anos para me dedicar à dança exclusivamente pela arte. Mas eu também dou aulas na Academia Viva a Vida como contribuição à saúde mental e física de um grupo de mulheres que estão despertando o corpo.

Diário — O que mais chamou sua atenção quando esse espetáculo estava no exterior (Atenas, Londres, Frankfurt e Colônia)?

Marília — Ele entusiasmou o público jovem, na faixa dos 20 anos, que nunca tinha visto a dança de Isadora. Eles poderiam achar que era uma coisa ultrapassada mas, pelo contrário, estavam bastante interessados.

Diário — Como é trabalhar com a atriz Sarah Lopes pela primeira vez?

Marília — Está sendo muito gratificante. Ela tem um trabalho de voz excelente e, como nós trabalhamos no mesmo instituto (Artes, departamento de Cênicas e Dança), pintou esta oportunidade pa-



A dançarina e coreógrafa Marília de Andrade que apresenta hoje o espetáculo "Danças de Isadora"

ra fazermos um trabalho juntas e aí estamos.

Diário — O que levou você a montar um espetáculo remetendo à dançarina Isadora Duncan?

Marília — Quando eu era criança, meu pai se referia a Isadora com admiração. Meu interesse inicial foi por sua figura histórica e de importância para a dança. Quando estive em 1984 na Universidade de Nova Iorque para fazer

pós-doutorado, entrei em contato com Maria Theresa (filha adotiva de Isadora). Ela participava de um grupo, e quando me viram dançar, comentaram que eu tinha um estilo parecido com Isadora. Hoje eu represento no Brasil o Isadora Duncan Institute.

Diário — Você disse que seu pai (Oswald de Andrade) se referia a Isadora com admiração. Eles realmente tiveram um caso?

Marília — Eles se conheceram quando ela esteve no Brasil em 1916. Meu pai tinha 26 anos e ela mais de trinta. Foi durante uma temporada de um mês entre Rio e São Paulo. Eles tiveram um namoro sim, mas ela teve muitos namorados pelo mundo. Tinha um espírito livre.

Diário — Isadora Duncan é lembrada também como a fundadora da dança moderna. Em

que sentido?

Marília — Isadora nasceu em 1877 nos Estados Unidos e, quando começou a dançar, o balé clássico estava "decadente". No final do século, era mais um "divertissement" (distração) do que arte. Ela rompeu com todas as tradições, quebrando regras, criando um conjunto de técnicas, diferente da linguagem única até então.

Diário — Como Isadora dançava?

Marília — Através da observação da natureza. Ela percebia o movimento a partir da contemplação, sem imitar mas criando movimentos decorrentes desse caso com a natureza.

Diário — Quem são as "Dançarinas Duncan"?

Marília — Isadora perdeu seu filho tragicamente. Na época da primeira guerra mundial, ela estava dançando na Europa com seis alunas e tentou levá-las para os Estados Unidos. Mas foram barradas por serem alemãs. Então, Isadora adotou-as legalmente como filhas. Quando Isadora morreu, em 1927, elas se apresentavam com o título de Dançarinas Duncan. Maria Theresa (citada acima) é uma delas.

Diário — O que mais chamou sua atenção na arte de Isadora Duncan?

Marília — Ela acreditava que todos deviam dançar. Ela seguia uma máxima de Nietzsche: "Perdido o dia em que não se dançou". Para ela, a dança era uma relação com o mundo, com Deus, com os espíritos, com as pessoas.

Diário — Você se identifica com Isadora?

Marília — Eu domino sua técnica mas não sou identificada com ela. Tenho outros trabalhos na linha contemporânea, falo aos meus alunos tanto de Isadora, como Nijinski, Marta Graham e outros. Eu dirijo a partir da invenção dos alunos, mas não tenho minha vida dedicada exclusivamente a Isadora Duncan.